



SINOPSE SINTIUS

Informativo diário do Sindicato dos Urbanitários

24/01/2022



Disponível em nosso site: <https://sintius.org.br>

Sindicatos rejeitam proposta de reajuste em Santos

Os dois sindicatos que representam os cerca de 12 mil funcionários ativos e 6 mil aposentados e pensionistas da Prefeitura de Santos rejeitaram a proposta salarial da administração, de 9% de “correção linear” com aplicação do índice para salários, auxílio-alimentação e cesta básica.

O Sindicato dos Servidores Municipais (Sindserv) oficializará o “não” em um ato marcado para as 17 horas de hoje, diante do paço municipal. Também está agendado protesto para quarta-feira, aniversário da cidade, às 10 horas, na Praça das Bandeiras, no Gonzaga.

O Sindicato dos Estatutários (Sindest) cobra do governo que proponha índice superior a 10% para um início efetivo de negociações com a categoria. Haverá live hoje, às 19 horas, para tratar do assunto.

A entidade espera nova conversa com o Poder Público nesta semana e prevê assembleia na quinta, para debate de uma possível proposta melhorada. Mas, diferentemente do Sindserv, o Sindest só promoverá atos após o dia 1º, a data base.

Saiba mais em: A Tribuna, segunda-feira 24 de janeiro.

Luz mais cara já força 22% dos brasileiros a atrasar a conta para comprar comida

A catadora de latinhas Valquíria Cândido da Silva, 47, mora em uma casa pequena no Grajaú, zona sul de São Paulo, com o marido e quatro filhos. Com renda familiar de R\$ 2.000, ela teve de deixar de pagar a conta de luz para fazer a compra de alimentos do mês.

A fatura de energia, que antes da pandemia não passava de R\$ 60, bateu R\$ 370 neste mês. A de água saltou de R\$ 30 para R\$ 200 no mesmo período.

A tarifa de energia subiu demais porque a falta de chuva, que fez o ano de 2021 entrar para a história como o mais seco dos últimos 91 anos, reduziu o volume de água nas hidrelétricas.

Por isso, desde o início do ano passado, o governo autorizou com mais regularidade a contratação de energia produzida por termelétricas movidas a diesel, carvão e outros combustíveis fósseis que cobraram mais de R\$ 2.000 o MWh (megawatt-hora), quase dez vezes o preço de referência.

Para os especialistas, o peso dessa política será maior para as famílias mais pobres. "Para os mais ricos, a conta, mesmo subindo mais do que a inflação, não compromete a renda familiar", disse Kishinami.

Em debate recente promovido pelo iCS, a economista Paula Bezerra, doutora em planejamento energético pela Coppe-UFRJ, afirmou que os 10% dos brasileiros mais ricos consomem 2,5 vezes mais energia que os 10% mais pobres.

Saiba mais em: Folha de São Paulo, domingo 23 de janeiro.

Perdas com PEC podem chegar a R\$ 240 bilhões, aponta relatório

A proposta em negociação entre governo e Congresso para zerar os tributos sobre combustíveis e energia tem potencial de tirar R\$ 65 bilhões dos cofres do Tesouro Nacional. Se todos os Estados encampassem essa desoneração, a perda de receitas subiria a R\$ 240 bilhões.

Os cálculos são da XP Investimentos, em relatório que aponta lições vindas da política fiscal do País em 2021. A projeção é de déficit de R\$ 105 bilhões em 2022, que subiria caso a desoneração seja aprovada. Por outro lado, a inflação cairia 4,2 pontos, de 5,2% para 1%.

"Continuamos usando a desculpa de receitas temporárias para alterar as regras fiscais", diz o economista-chefe da XP, Caio Megale. "Como falar em excesso de arrecadação se continuamos rodando no vermelho desde 2014?", questiona.

Ele ressalta que a receita que iria para o Tesouro pode acabar financiando grandes consumidores de energia e acionistas da Petrobras. O retorno para o consumidor deve ser pequeno segundo estimam integrantes da própria equipe econômica: redução de R\$ 0,18 a R\$ 0,20 no preço da gasolina na bomba.

Saiba mais em: A Tribuna, sábado 22 de janeiro.

Domésticas enfrentam desemprego e redução na renda

Uma minoria, 16%, pôde se isolar em casa e seguir recebendo o salário dos empregadores. A medida foi incentivada por uma campanha da Fenatrad (Federação Nacional de Trabalhadoras Domésticas), para que as trabalhadoras não se expusessem ao vírus no transporte público e nas casas das famílias contratantes, nos períodos de maior contágio. Ganhou força ainda em março de 2020, quando uma doméstica contaminada após contato com a patroa tornou-se a primeira vítima do vírus no Rio de Janeiro.

Mesmo as trabalhadoras beneficiadas pela decisão das famílias de manter os pagamentos enfrentaram dificuldades quando retornaram ao trabalho presencial.

Moradora de Salvador (BA) e doméstica desde os 14 anos, Rosângela, 33, foi surpreendida pela exigência de que trabalhasse aos finais de semana para compensar as horas pagas não trabalhadas durante os seis meses iniciais da pandemia.

"Não tinha sido combinado antes. Quando disse que não podia, o tratamento mudou completamente. Fui muito humilhada", diz. O caso foi parar na Justiça do Trabalho, e Rosângela está desempregada desde então.

Dados da Pnad (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua), do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), mostram que o desemprego, o aumento da informalidade e a perda de renda atingiram duramente a categoria nos dois anos de pandemia. Cerca de 6,4 milhões de brasileiros trabalhavam em serviços domésticos no Brasil em 2019 —92% eram mulheres, e 65%, negros. Ao final de 2020, após 1,5 milhão de demissões, a força de trabalho contratada foi reduzida para 4,9 milhões.

Apesar das dificuldades impostas pela pandemia e que fragilizaram ainda mais o trabalho da categoria, 56% das domésticas ouvidas no levantamento nacional disseram ter uma boa relação com os patrões.

"Com o atual cenário econômico, muitos empregadores também perderam seus postos de trabalho e tiveram que dispensar as domésticas, que enfrentam agora o desemprego e informalidade."

Saiba mais em: Folha de São Paulo, Domingo 023 de janeiro.

Inflação: como alta de preços está atingindo o Brasil e outros países

O custo de itens básicos, como alimentos e combustíveis, está em alta em todo o mundo.

Quebra de safras, a pandemia e uma escassez de gás natural estão entre os motivos por trás da carestia, mas alguns países e regiões estão sofrendo mais do que outras.

No Brasil, a inflação está em alta de mais de 10% ao ano e os combustíveis subiram 50%, segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

Os preços dos alimentos subiram 14% no ano passado, com uma seca severa causando aumento de preços de alimentos básicos, como arroz e feijão, bem como da ração animal.

O Brasil tem o maior rebanho bovino do mundo, mesmo assim, os preços da carne aumentaram tanto no ano passado que 67% da população declara ter reduzido o consumo do produto, segundo pesquisa do instituto Datafolha.

As usinas hidrelétricas, que geram a maior parte da energia do país, tiveram que parar de produzir por falta de água, sendo substituídas por termelétricas.

O padrão de vida no Brasil está em seu pior momento desde 2012. A Fundação Getúlio Vargas estima que 27,7 milhões de pessoas, da população total de 213 milhões, vivem abaixo da linha de pobreza de R\$ 261 por mês.

Em algumas regiões da Nigéria, o preço do gás de cozinha nas distribuidoras mais do que dobrou no último ano, segundo o órgão estatístico oficial do país.

A inflação subiu 36% no ano passado, de acordo com o Instituto de Estatística da Turquia (TSI). Os preços dos alimentos subiram 44% ao longo do ano e 14% apenas no mês de dezembro.

A pandemia de Covid-19 fez com que, durante dois anos, o Sri Lanka não conseguisse gerar as receitas que normalmente consegue com o turismo. Como resultado, suas reservas em moeda estrangeira caíram muito.

Saiba mais em: Folha de São Paulo, segunda-feira 24 de janeiro.